



*Pedaços da Vida em
sonhos de Menina*



Adosinda Ferreira Dias



Tecto de Nuvens

Obrigada, ó Deus, por me teres dado a alegria de ter nascido no seio de uns pais maravilhosos. Nasci na pobreza, e continuo a viver na simplicidade da vida, neste caminho que sigo Vos agradeço esses pais maravilhosos que me educaram na Vossa fé; que me ensinaram a viver do trabalho honesto de que muito me orgulho, hoje já não os tenho para lhes dar alegria que sempre lhes quis dar, é para eles que me dispus a escrever estas linhas.

Ao meu marido, pelo quanto me tem apoiado, pela ajuda que me deu e pela paciência que teve para passar à máquina todas as palavras que escrevi, sem ele não chegava a realizar o sonho.

A todas as personagens que vão mencionadas nestas simples palavras deste livro, também é com carinho e amizade que a todos, sem excepção, dou o meu muito obrigada pela convivência de longos anos e pelo à-vontade com que sempre me senti. A todos digo um até sempre.

1º Capítulo

Sou a Maria Adosinda Ferreira Dias, filha de Joaquim Dias e de Rosa Ferreira, nascida a 25 de Maio do ano 1951, na freguesia de Sousa, concelho de Felgueiras. Nasci no seio de uma família pobre, sou a 5ª filha dos treze filhos da família. Desde muito criança me apercebi da pobreza em que vivíamos. Não faltava a felicidade e alegria quando, na igreja, o padre avisava para as famílias mais carenciadas irem, no dia por ele marcado, à residência paroquial buscar alguns elementos que iriam ser distribuídos, por esses familiares. Quando esse dia chegava eu, apenas com 5 ou 6 anos, com alegria lá ia, com uma irmã mais velha, receber o que nos era dado. Para nós era um manjar nesse dia, entre roupa e outros bens que faziam as delícias daqueles 13 filhos - com os meus pais éramos 15. Naquela mesa comprida rodeada de bancos, também compridos, havia muita felicidade, muito amor, muito carinho; muitas vezes esquecia-se a fome, essa fome enganava-se com as brincadeiras de criança, com alegria, o carinho que sempre tivemos de meus pais, pobres mas felizes.

Aos sete anos entrei para a escola, onde me fui mostrando uma criança viva e esperta. Na minha primeira classe aprendi a fazer as primeiras letras, com o passar do tempo ganhei gosto pelos rabiscos que fazia, e assim cheguei ao fim da primeira classe. Passando para a segunda classe, não atrasei nenhum ano, eram muitas as palavras que eu ia escrevendo, sempre gostei de o fazer. Nessa mesma escola estudavam duas irmãs mais velhas, uma de nome Irundina e outra Adília, como tudo na vida, não éramos iguais, a Irundina dava muitos erros, o português para ela era latim. Como era costume naquela época havia a régua em madeira, a professora, de seu nome Maria dos Prazeres, ensinava bem mas era mazinha, por cada erro a minha irmã apanhava uma reguada, eram tantas que eu não as conseguia contar. Eu, como franzina que era, encostada à parede da escola encolhia-me com pena da minha irmã, mas sem poder ajudar nesse momento. Logo me veio à ideia destruir a régua, se assim pensei melhor o fiz, como vínhamos ao recreio, na época de Inverno fazia-se uma grande fogueira, eu, com o meu vestido de flanela comprido, entrava dentro da escola, sem ninguém se aperceber escondia a régua debaixo do vestido, dava meia volta e punha-a na fogueira. Outras vezes, como naquele tempo a casa de banho era de madeira, e só um buraco, a régua

ia lá para baixo. Até hoje nunca ninguém descobriu que era eu quem desviava as réguas, mas era por uma boa causa, para livrar a minha irmã de apanhar tanto nas mãos. A professora chamava-me bichinho de buraco, eu ficava muito triste e começava palavras que juntas faziam um poema:

Este meu corpo franzino
Que de bicho nada tem
Tem palavras que esvoaçam
Andam aí num vai e vem

2º Capítulo

Estando eu na 3ª classe tive de abandonar essa escola, pois toda a classe teve de ingressar noutra escola de uma outra freguesia, que ficava a dois a três quilómetros de casa de meus pais. Foi duro aquele tempo que tive de palmilhar a pé, muitas vezes descalça, sobre os dentes da geadá que se levantava da terra, como não bastasse o frio, a chuva e todas as intempéries do tempo, a fome era uma constante. A minha pobre mãe dava-me cinquenta centavos para uma carcaça, assim passava das oito da manhã até ao fim da tarde. Dentro de mim crescia a vontade de escrever poemas. Quando chegava o verão, como tinha de passar no meio daqueles campos. tão verdejantes de milho, centeio e mesmo o linho, eu sentava-me um bocado, ia à sacola de lona, pegava na minha lousa e no ponteiro e escrevia novamente palavras que faziam um poema.

No meio destes trigais
Neles me vou rebolar
Para esquecer a fome
Que não tarda em chegar

E assim me rebolava
Naquela beleza pura
Por muitos anos que passe
Na memória perdura

Depois retomava o caminho da escola, feliz, cantando, pois já tinha enganado a fome naquela manhã. Durante o resto do dia tudo corria bem na escola, tinha uma colega de carteira, de nome Ana, sempre que podia partilhava comigo a merenda que levava, era uma amiga bondosa. Terminada a 3ª classe regresssei, novamente, à escola da minha freguesia. Aí tive de novo a professora que batia na minha irmã, sendo ela quem me levou a exame da 4ª classe, no dia 8 de Julho de 1962. Recordo que minha mãe foi chamada à escola porque a professora lhe queria dizer que me levava a exame, mas que eu ia reprovar porque era bichinho do buraco. Sei que no dia do exame meus pais foram em peregrinação a Fátima. Eu passei no exame com um bom dos grandes; a professora fora do local do exame deu-me os parabéns, eu respondi, “não sou bicho do buraco”.

Assim terminei a minha escolaridade, novo ciclo da minha vida estava para chegar, com onze anos de idade uma vida pela frente, brinquei como todas as crianças, fazíamos bonecas de trapos. -Quando meus pais iam as festas traziam sempre um boneco de barro que pouco tempo durava, pois como era de barro partiam com facilidade -. Tive amor tive carinho mesmo sendo pobrezinha, eram pais encantadores, vida essa que eu gostava que tivesse sido diferente, tinha um sonho que ainda não realizei, ser poetiza sonho de menina franzina, pobre humilde, mas com uma vontade do tamanho do mundo de escrever palavras belas como estas que se seguem:

Terminei a minha escola
 Levo saudades no peito
 Mas juro vou escrever
 Palavras com muito jeito

Palavras com muito jeito
 Por ser pobre e não poder
 Continuar essa escola
 Poetiza quero ser

Poetiza quero ser
 E olho à minha volta
 Assim se fechou um ciclo
 Não se abriu nenhuma porta

Escrevi alguns poemas
Para terminar em beleza
Meu coração mergulhava
Numa profunda tristeza

3º. Capítulo

Agora, com onze anos, novo ciclo começa; numa tarde de Julho de sessenta e dois, estando eu a brincar em cima de um molho de caruma, que minha mãe tinha ido buscar ao monte, cheguei junto de mim uma vizinha, de nome Maria, com uma senhora muito bem vestida, que ao ver-me sorriu para mim e me perguntou pelos meus pais. Eu, muito contente, apressei-me e fui chamar minha mãe e meu pai, então a senhora, com grande delicadeza, perguntou aos meus pais: “querem deixar a vossa filha Adosinda ir para minha casa trabalhar?” Eu respondi que sim, de alegria, pois sabia as necessidades que havia em minha casa; era muito difícil, mas meu pai, como um bom pai que era, gostava de sentar à mesa todos os seus treze filhos que eram alegria de sua casa, respondeu que não me deixava sair. Mas eu com toda a minha vivacidade, sentada em cima do molho da caruma, dizia “eu quero ir”. Meu pai respondia não, “em casa ainda há pão e caldo para todos”, foi difícil convencê-lo e as únicas palavras que disse, antes de eu sair, foram, “vais de livre vontade a porta esta sempre aberta a tua espera, só não quero que venhas por teres pegado, sem ordem, numa palha, que seja aí tens de ter haver comigo”.

Assim me fui, na companhia da senhora que me foi buscar, cujo nome era D. Fernanda, esposa do Sr. José Dias Ribeiro, presidente da câmara municipal de Felgueiras, nessa época. D. Fernanda foi, para mim, uma grande amiga, uma mãe. O mesmo não posso dizer da criada mais velha que D. Fernanda tinha, fazia-me trinta por uma linha, eu era apenas uma criança que tomava conta de outras duas crianças pequeninas. Tudo foi andando, mais tarde essa criada casou, pensei que ia melhorar, mas outra mais velha, de nome Aida, fazia de mim “gato-sapato”, e eu sempre calada nada dizia à D. Fernanda, para que eu a pudesse ajudar no trabalho que lhe competia fazer; mandava-me fechar as duas meninas que eu tomava conta, numas escadas muito escuras, eu não obedecia e sofria como

ninguém. Um dia escrevi uma carta aos meus pais dizendo, “quero ir embora” escrevi naquela carta o que me ia na alma, só que, como criança que eu era, dei a carta fechada a essa dita Aida para a pôr no correio, mas a carta não chegou ao seu destino, e continuou o sofrimento.

Um certo dia fui a casa e não voltei, passados uns dias, D. Fernanda lá voltou para me levar porque gostava de mim. Por necessidade lá fui outra vez, por pouco tempo. Já com quinze anos fui trabalhar para outra casa, aí tinha uma criança para cuidar e o trabalho de casa, mas sentia-me bem, pois não tinha quem me atormentasse, nas horas de menos trabalho ia ajudar a fazer pão-de-ló, mas não esquecia o meu sonho de menina, a poesia para mim dava-me ânimo e bem-estar.

Deixei a casa que amava
 Essa casa de meus pais
 Deixei de estar à lareira
 Brincar naqueles quintais

A saudade que sentia
 Do calor dessa lareira
 Dos beijos de minha mãe
 De não estar à sua beira

Os dias iam passando
 E eu ficava a pensar
 Desse abraço e doce beijo
 Que eu esperava ao chegar

As horas iam passando
 Os dias escurecendo
 Meu coração que saudade
 As pernas estremeando

Eis que e chegado o dia
 De meus pais ia abraçar
 E desse frio de inverno
 À lareira me sentar

Nas poucas horas que tinha
E momentos de alegria
Pois passada essa noite
Ao outro dia partia

4º Capítulo

Certo dia chegaram junto de mim umas pessoas amigas que dizem, “queres ir para Coimbra? São pessoas dos nossos conhecimentos, o senhor é major e a senhora é professora”. Tendo eu dezasseis ou dezassete anos era uma loucura para mim ir conhecer a terra dos doutores, deixei o trabalho que tinha e embarquei nessa aventura, arranjei a mala de cartão com as poucas roupas que tinha. Numa manhã de Setembro essas amigas me levaram a estação de Campanhã, no Porto, compraram o bilhete e disseram-me, “só saís em Coimbra e lá estará alguém à tua espera”.

Foi a primeira vez que andei de comboio, parecendo dizer pouca - terra, pouca - terra. Parou em várias estações e eis que cheguei a Coimbra, com muito tempo de atraso, saí não estava ninguém que procurasse uma rapariga franzina de poucas palavras mas de olho vivo, estava eu descendo as escadas da estação alguém se aproxima e me pergunta, “quer que leve a mala algum sítio?” Eu logo respondi, “não obrigada eu posso com ela”, mas meu coração apertava de aflição ao ver a noite a chegar eu em terras dos doutores sem conhecer eira nem beira, foi então que olhei para a rua e vi um sinaleiro comandando o trânsito. A ele me dirigi e, mostrando um bilhete que me tinham entregado, disse “é esta pessoa que tenho de encontrar”, disse-me o sinaleiro, “aguarda aqui junto de mim”. Ao seu lado fiquei, por uns dez a quinze minutos, eis que vem o eléctrico, mandou parar, chamou o revisor e disse-lhe, “entregue esta menina na guarda”. Assim foi, andei um pouco de eléctrico, chegado o eléctrico junto da guarda, lá me entregou. Passados uns cinco minutos, um desses guardas levou-me de jipe ao meu destino. Fui bem recebida e comentaram a minha audácia em saber chegar até eles sem conhecer eira nem beira de que já falei.

Nos primeiros dias parecia tudo rosas, mas pouco tempo duraram

essas rosas, pois deram lugar a espinhos que me atormentavam, se em casa de meus pais tinha necessidades, lá tinha mais, pois tinha de comer alguma coisa às escondidas ou então, com alguns poucos tostões que tinha, comprava comida e comia à noite quando ia para o meu descanso. Foi uma loucura que fiz, essa terra dos doutores que tanta desilusão me deixou. No tempo que estive em Coimbra fiquei com problemas numa perna e tive de pôr gesso; por esse motivo foi que uma irmã mais nova, de nome Teresa, foi ter comigo para me dar apoio no trabalho.

E testemunhou a fome que eu por lá passava, assim como ela nos dias que estive comigo, era ela que me dizia “vamos embora desta casa”. Um certo dia, no final do mês, quando eu recebi o pouco que ganhava, à noite quando fomos para o quarto eu disse-lhe, “agora já tenho dinheiro para os bilhetes do comboio, amanhã cedo vamos embora”. A noite parecia não passar, como a estação ficava distante eu de manhã bem cedo, levantei-me chamei a minha irmã Teresa e, disse-lhe, “arranja-te, vou chamar um táxi e vamos apanhar o comboio”, assim fiz mas foi complicado,

Ela ao entrar para o táxi tinha medo, depois lá fomos para a estação, eis que chegamos ao Porto passado algumas horas, aí encontramos alguém conhecido que me disse que a pessoa que me tinha arranjado a casa estava muito zangada por nós termos fugido, isso não me preocupou pois eu sabia que em casa de meus pais era bem recebida, em casa de meus pais de pão e caldo não passava fome. Assim fecho mais um capítulo da minha vida.

Nessa terra de doutores
 Ó Coimbra tens beleza
 Em ti vivi desiludida
 Chorei mágoas de tristeza

Tens choupal tens o rio
 O penedo da saudade
 Portugal dos pequeninos
 Tens beleza de verdade

À tua Sé eu subi
 Pelo belo escadario
 À volta vi a cidade
 E ao fundo vi o rio

No dia em que te deixei
Foi numa manhã de sol
E passei pelo choupal
Para ouvir o rouxinol

Embarquei nessa aventura
E nele desembarquei
Tinha tristeza e magoa
Da fome que em ti passei

5º Capítulo

Regressando de Coimbra a minha vida tinha de continuar então indicar-me outra casa em Guimarães, uma casa acolhedora de quatro pessoas, gostava de lá estar mas também não foi por muito tempo, pois a dona da casa era surda-muda, por aquilo que me diziam tinha ficado assim quando nasceu o 2º filho. Fui-me deixando estar até encontrar novo trabalho com dignidade, fazia as coisas que estavam a meu cargo, o difícil era quando tinha de comunicar com a dona da casa só por gestos, assim se foram passando dias e digo mesmo meses, o filho mais novo que já estava agregado a mim, quando eu disse que me ia embora ele ficou triste porque via que a mãe tinha de encontrar nova criada, como tinha aquele problema de ser surda-muda era complicado naquele tempo encontrar alguém que se ligasse à mãe; era difícil compreender quando não havia em casa quem me comunicasse o que a senhora tinha para me dizer, foi tempo muito difícil. Chegado o dia em que deixei esse trabalho, regresssei a casa de meus pais

Agora com os meus dezoito anos, foi então que me pediram para trabalhar numa casa, na freguesia vizinha com a minha freguesia, a cinco minutos de casa de meus pais, aí encontrei uma das melhores casas da minha vida. Foi um lar, uma família para mim, a dona da casa, de nome Corina, senhora de grande beleza de um enorme coração, eu ainda hoje recordo com muitas saudades conversas que tínhamos as duas, era amiga do seu amigo, fazia o bem e muitas vezes recebia sapatadas de pessoas a quem tanto fazia; algumas vezes dizia-me, “Adosinda não sirvas a quem

serviu, não peças a quem pediu, essa gente muitas vezes, a quem se faz tanto bem e nada se recebe, passam por mim nem bom dia nem boa tarde, fazem de conta que sou uma cadela, por bem fazer mal haver, foi, é, há-de ser sempre”. Foi esta senhora D. Corina uma das pessoas da casa que muito me marcou, aí viviam também uma filha de nome Beatriz e o genro, Dr. Deolindo, pessoas também de um enorme coração, também existiam três netos da D. Corina seus nomes, Rui, Cristina e Alexandra, o Rui com uns sete anos, a Cristina uns cinco e Alexandra com três meses. Eram um encanto, como a mais nova era bebé cuidei muitas vezes dela, então para adormecer era difícil e ninguém a conseguia adormecer, eu com as minhas canções de embalar em pouco tempo a conseguia adormecer, era uma criança linda, ainda hoje o é, bem assim como os irmãos, a avó Corina adorava aqueles netos e a neta Xana, como eu lhe chamava, era a menina dos seus olhos. Assim se passaram alguns anos até que Deus chamou a bondosa D. Corina para ele, foi duro, foi triste para mim, como na vida há altos e baixos, eu por tudo isso passei, fiz bons amigos em todo o lado por onde caminhei, até hoje sou amiga de todos.

Este ciclo vou fechar
 Mas nunca mais vou esquecer
 De quem tanto bem me fez
 Não me posso esquecer

Foi tempo bem passado
 Em alegria abundante
 Mas quando menos esperamos
 Tudo se vai num instante

Olho a esse passado
 Tudo parece voltar
 Passado que foi risonho
 Não me deixes a chorar

Caminhei nessa calçada
 Caminho em terra batida
 Não me deixes a chorar
 Nestes caminhos da vida

Nesse caminho da vida
Da vida que já vivi
Com muita dor e tristeza
Do lugar me despedi

A senhora D. Corina tinha um enorme coração, como sabia que os meus pais eram necessitados, sempre que podia mandava-me a casa de meus pais levar alguma coisa, era espectacular, guardo-a no coração para sempre, que Deus Lhe dê o descanso eterno que ela merece tudo isso, todas as pessoas da casa para mim são maravilhosas, não tenho nada que possa dizer em contrário, recordo com saudade as passagens de ano que se faziam lá em casa, filhos, netos e genros, era uma grande família, com o passar dos anos uns vão desaparecendo chamados por Deus, que a todos esses que já partiram que Deus lhes dê o descanso merecido, nas minhas orações nunca me esqueço de rezar por todos esses amigos.

Era nesta casa que eu trabalhava quando a minha mãe ficou doente, decorria o ano de 1981, aí eu pedi para ir cuidar da minha mãe, aquela mãe que me tinha dado tanto carinho, eu não a abandonei quando ela precisava de mim; daquele carinho que muitas vezes os filhos negam aos pais, quando eles já debilitados não nos podem dar o aconchego que nos davam, somos nós que temos de fazer por eles tudo aquilo que eles nos deram sempre que puderam, amor, carinho, aconchego.

Os últimos dias da minha querida mãe foram muito tristes para mim, olhando à minha volta eu pensava, o que vai ser desta pobre casinha sem o calor desta mãe tão querida. Nunca chorei diante dela para não a entristecer, mas olhando os seus olhos a perderem todo o brilho que têm os olhos de uma mãe, meu coração apertava ainda a tinha junto de mim, mas já sentia saudades dela. Numa noite de uma triste sexta-feira, cinco de Fevereiro de 1982 minha mãe pedia para rezar com ela, o meu coração cada vez apertava mais, era uma tristeza profunda que eu sentia mas não chorava, houve um momento em que a minha querida mãe me lançou o braço ao pescoço e me apertou junto ao peito, aí não suportei o meu sofrimento e chorei. Foi então que minha mãe me disse “não chores minha filha não te quero ver chorar”, e pouco a pouco fechou os seus olhos para sempre. Jamais apago a imagem do seu rosto pálido deixando cair dos seus olhos duas lágrimas que foram descendo pelo seu rosto, talvez querendo dizer que nos levava no coração, assim se foi para sempre.

Tudo o que se passa com respeito à vida é um segredo de Deus, mas se um dia isso fosse possível eu não me importava de voltar a passar pelo que passei, mas ter o mesmo pai e a mesma mãe estão comigo no meu coração. E neste caminho da vida fui deixando para trás os sonhos de menina. Hoje com a graça de Deus posso dar asas a esse sonho, estou muito feliz por conseguir chegar até aqui.

6º. Capítulo

Mais tarde fui trabalhar para uma quinta que se situa na freguesia de S. Martinho do Campo, com o nome de Quinta de Arnozela, no concelho de Santo Tirso, nesse local trabalhei muito, muitas vezes até altas horas da noite, não por ser obrigada mas, como sempre gostei de ser boa empregada e fazer o trabalho que me estava destinado.

Nesse lugar vivi alegre, por vezes triste, por vezes chorando. Muitas vezes durante estes anos eu levantava olhos ao céu e dizia “meu Deus porque me abandonaste logo ao nascer?” Como sempre vivi em pobreza achava que Deus me abandonou, mas deve ser erro meu, Deus nunca nos abandona, muitas vezes nós é que não ouvimos o seu chamamento, fechamos o nosso coração e não queremos ouvir.

Nessa quinta trabalhei com várias pessoas, colegas e outros, nessa quinta vivia um casal novo, ele de nome José Fernando e a esposa de nome Noémia. Quando eu entrei para o trabalho já tinham uma menina, de nome Natacha, que tinha três meses de idade, era uma linda menina muito apegada à mãe; pois se os pais saíssem para jantar fora eu ficava até que chegassem sem que ela adormecesse.

Houve dias bons e dias maus difíceis como tudo na vida, nem tudo são rosas. Nessa quinta davam-se algumas festas, que traziam alegria e convívio com as pessoas existentes na casa, era uma quinta muito bonita, com muitos pontos verdes floridos, gostei de trabalhar naquele lugar que me foi destinado. Eram muitas as vezes que acompanhava os patrões a outra quinta que se situa em Guimarães com o nome, Casa do Robalo, que pertence a família de D. Noémia, ou seja à sua mãe D. Clotilde, são pessoas de bem.

A vida dá voltas e voltas, quando olhamos para trás tudo passou rapidamente, tudo morre só ao pensamento, ninguém lhe corta a raiz. Sem-